

ção com sua capa de roda larga e bengala avantejada que lhe davam aspecto daquelas hieráticas figuras dos humbrais da catedral gótica. E os seus olhos grandes, tinham um brilho suave e acariciador a dizer com o lado de santidade que parecia luzir em volta da sua bela cabeça de pensador, de apóstolo anunciando aos gentios a grandeza do Reino Unido...

Foi ali, e pela última vez, que o ouvi, e quando nos disse aquela sentença que pareceu tirada das páginas do Apocalipse: — «Tudo quanto vem acontecendo é para mim uma causa de espanto, e através deste espanto um espanto ainda maior. Terminará convosco a Liberdade. Falai agora e dizei quanto de mais urgente e necessário e sincero está na vossa consciência de homens livres. Amanhã todos sereis apenas fantasmas duma época que findou tristemente, pobre de tudo como o povo donde vimos. Aquilo que dissermos, escrito ou falado, só será lido e ouvido pelos féros e mavórticos tiranos da Nova Ordem que têm nas mãos rapaces e garras satânicas da opressão e do ódio.»

Sérgio, o filósofo, o nosso camarada com maior equilíbrio mental e político para poder marcar o rumo futuro dos seareiros, e que afinal viria a ser o longo e cruel desterro daquele punhado de idealistas, que sempre procurou glorificar a Pátria de seus maiores e defender os direitos e a liberalidade dos portugueses, ainda quis atenuar o pessimismo sem esperança do grande prosador e velho republicano, apelando para uma revolução que não foi a sua, mas aquela de 28 de Maio de 1926 que ele anteriormente previra...

São Paulo, Abril de 1971.

(1) Lei da Povoação e Aproveitamento dos terrenos pousios e despovoados.

(2) Lei da Rega e Povoação de Terras.

(3) Lei da Contribuição Predial rústica.

(4) Aproveitamentos Hidráulicos e Utilização dos combustíveis Portugueses.

J. Sarmiento de Beires

Presença do passado



O redemoinho do Tempo poderia ter esvaído memórias vividas há 50 anos, se aqueles 20 não tivessem ficado a projectar sobre o Futuro a luminosidade de uma pureza ideológica, de uma inabalável fé na existência de homens probos, íntegros, leais, que eram verdadeiros símbolos de verticalidade de carácter, de coragem moral, de incorruptibilidade, de espírito de justiça, num ambiente profundamente conturbado. Esses eram os Homens da *Seara Nova*. Aquele grupo que nunca se agremiou como partido político, em parte para deixar a cada um a liberdade de pensar e agir independentemente de um programa imposto e de uma disciplina de certo modo escravizante, embora existisse um conjunto de princípios dentro do qual nos sentíssemos irmanados.

Todos éramos amigos. Amigos susceptíveis de discutir, discordar, manter pontos de vista pessoais, não obstante a identidade de critérios que nos conduzia ao acordo, sempre que estivesse em causa

qualquer dos pontos básicos desse conjunto de princípios que nos norteava.

Relembro ainda a hora do meu ingresso no Corpo Directivo da revista, e os sucessivos encontros em que, pela mão de Mário de Castro, ali fui conhecer Câmara Reys, Raul Proença, António Sérgio, Mário de Azevedo Gomes, Francisco e Manuel Mendes, David Ferreira, Jaime Cortezão, Tagarro, Martinho da Fonseca, e quantos, quantos mais, e revivo sinceramente a emoção com que apertei pela primeira vez a mão de algumas dessas figuras que antecipadamente me habituara a considerar de craveira invulgar, completamente à margem daquele charco de politiquice em que se chafurdava, mercê das habilidades de um partido que, dizendo-se representativo do espírito democrático, desacreditava, com os seus processos, a Democracia —, a Democracia na qual acreditavam e continuavam a acreditar os Homens da *Seara Nova*, de entre os quais saíram alguns dos que passaram metêdicamente pelo Terreiro do Paço, nesse Governo que Álvaro de Castro presidiu, e do qual fizeram parte Ribeiro de Carvalho, oficial que durante a I Grande Guerra se distinguira na Flandres, António Sérgio e Mário de Azevedo Gomes. Se é certo que Ribeiro de Carvalho não era um «seareiro» propriamente dito, a verdade é que o seu nome foi indigitado pelo grupo da *Seara*.

O momento era de crise. Sentiam-se latentes pesadas ameaças contra o regime, — ameaças resultantes justamente de um ambiente político que uma falsa maioria mantinha mercê da organização da sua máquina, mas que não correspondia aos anseios da maioria verdadeira. Era o ambiente político que, anos depois, durante o período em que conspirai, me levaria a esclarecer, em síntese, quando procurava aliciar alguém: «Nem 27, nem 28 de Maio!»

Álvaro de Castro, figura de conduta inatacável, e a equipa que reuniu à sua volta, não podiam de modo algum resistir à hostilidade daquela maioria que negava sistematicamente o seu apoio, *ab initio*, a quem não estivesse filiado no Partido —, isto sem desdouro para certas figuras que do Partido fizeram parte, como Afonso Costa, Norton de Matos, e outros.

Entre as minhas recordações mais vivas, não posso deixar de citar o encontro com Raul Brandão, cuja figura assumia para mim foros de quase santo e de profeta. Aliás, ligava-me a ele, nunca ele o soube, um pormenor sem valor, mas daqueles a que a gente se agarra, sobretudo naquela idade, como se constituíssem de facto um elo de ligação: Raul Brandão vivera na Foz do Douro muitos anos, como eu, ele na Rua do Veludo, para os lados da Cantareira, eu, para os lados do Paredão de Carreiros, na longa Avenida que se debruçava sobre o mar. Raul Brandão, que era mais um simpatizante da «Seara» do que um «seareiro» propriamente dito, encarava os problemas sob um ponto de vista muito pessoal, mais filosófico e, porque não dizê-lo?, mais ingénuo.

Evidentemente, quando num ambiente como aquele, somos inconscientemente suscitados por afinidades intuídas, por vibrações de simpatia que se não explicam, e, de aí, ter eu sentido especial

atração por António Sérgio e Raul Proença, paradigmas ambos de verticalidade e intransigência com o desleal e desonesto, Sérgio quase fleumático, Proença nervoso e reagindo com os nervos à flor da pele, atração mais acentuada por António Sérgio, não só por nele ter encontrado uma suavidade de trato e uma solicitude que se manifestavam em todas as circunstâncias, mas também porque, tendo sido, como eu, aluno do Colégio Militar, havia a ligar-nos o sentimento fraternal que unia aqueles que naquele estabelecimento de ensino haviam forjado o carácter e a moral.

Foi à *Seara Nova* que fiquei devendo a publicação do meu livro de poesia: «Sinfonia do Vento», edição à qual Câmara Reys deu todo o seu esforço, e que ficou ligada à viagem aérea Milfontes-Macau, pois que em proveito dessa viagem reverteu a maior parte do produto da venda das duas edições que se fizeram em 1924. Foi, de resto, na *Seara Nova* que me foi dado ler algumas críticas, que os meus versos mereceram da simpatia e da amizade de tantos. Entre elas, recordo a de Leonardo Coimbra, que, pelo equilíbrio, pela sinceridade, e até por certo laivo de ironia, apreciei excepcionalmente, como apreciaria mais tarde, com estima e reconhecimento o breve comentário de Hernâni Cidade ao meu livro «De Portugal a Macau».

Pode parecer estranho este lembrar de casos pessoais, num artigo que visa a comemoração do Cinquentenário da *Seara Nova*. É que, justamente, a *Seara Nova* continua a ser, para mim, todo este acervo de situações dentro das quais, apesar de ter ao tempo, ultrapassado já os 30 anos de idade, aprendi a encarar mundo, homens, vida, condições sociais, ambiente político, sob um prisma que me permitiria, mais tarde, a possibilidade de afirmar que de nenhuma atitude tomada teria de arrependerm-me, e que se me fosse dada a possibilidade de recomeçar a minha vida, sabendo embora o que me reservava o Futuro, procederia de maneira idêntica.

Aliás, este deambular através de um Passado que permanece vivo e puro na minha recordação, pretende ser apenas momento de conversa descontraída entre amigos, a ressuscitar as próprias preocupações e anseios que nos levaram a representar no ambiente político que precedeu o 28 de Maio, o papel de paladinos da Honestidade nos processos, do Respeito pela Liberdade, pela Sinceridade nos Ideais, pela renovação dos quadros políticos, libertos da influência nefasta de um partidarismo baseado na hegemonia de figuras, em vez de alicerçar-se no conjunto de pontos de vista, e de um programa de acção e de reformas. E de tal modo a nossa luta foi sincera, que se tornou tradição, e se prolongou, sob a orientação dos subsequentes directores, mantendo a *Seara* no seu rumo inicial, não obstante as vicissitudes decorrentes de um conjunto circunstancial que não só impediu o terçar armas legítimas no campo das ideias, mas ainda a mera invocação de determinados argumentos, de determinadas provas demonstrativas, de determinadas afirmações.

Durante o meu exílio em terras do Brasil, nos momentos em que mais dolorosamente senti a asfi-

xia dos pulsos amarrados, quantas vezes me aflorou à memória toda esta caminhada de então, no ambiente da *Seara*, esta caminhada que prossegue, apesar dos Velhos do Restelo que profetizam falências definitivas, sem compreender que um «seareiro» não pode ser uma mentalidade estática, porque vive integrado no constante evoluir dos problemas sociais, financeiros, económicos e políticos da Nação e do Mundo, e não se deixa anquilosar, por apego fanático ou romântico a princípios ultrapassados, e sabe adaptar a ideologia aos problemas e ao condicionalismo do dia de hoje.

Ao solicitar-me algumas palavras referentes a um cinquentenário que envolve para quantos assistiram ao nascer da *Seara*, todo um mar de emoções e reacções sentimentais, foi-me perguntado: «O que representou e representa para si, a *Seara Nova*?

E se bem que em tudo o que escrevi se não vislumbra talvez uma resposta concreta e precisa, a verdade é que, dentro do contexto deste recordar, se encontra como que diluída, a essência dessa vida mental, espiritual, política e social que constituiu, de 1920 a 1926, o fulcro da nossa actividade, da nossa luta, da nossa fé, da nossa esperança.

Escrevo sem o apoio de qualquer referência. No turbilhão de uma vida invulgarmente agitada, documentos, obras, apontamentos se perderam, que poderiam ajudar-me, agora, na ressurreição do Passado. Nem mesmo consegui evitar que se extraviasse a minha colecção da revista, que com tanto carinho conservava.

Com o exclusivo auxílio de uma memória que, à porta dos 80 anos, é possível que falhe algumas vezes, revivo dias dessa época, e não posso deixar de recordar o artigo que me pediram para redigir para o número de Junho de 1926 —, artigo de fundo publicado sem assinatura, como opinar sereno de todo o Corpo Directivo, o qual foi o último pilar dessa fraternidade que nos unia, porquanto ao escrevê-lo e ao submetê-lo à apreciação do grupo de directores em exercício, aceitando de bom grado alterações sugeridas, lógicas e convenientes, me senti como nunca «seareiro» legítimo, e como nunca vibrei com a consciência que todos nós tivemos, do fenómeno político ao qual iriam assistir várias gerações em Portugal.

Mais tarde, quando por me encontrar na clandestinidade, e por não ponderar as razões que levaram Câmara Reys a usar de uma prudência que defendia a empresa editora, me afastei do Corpo Directivo, considerando-a frouxidão e cedência, não deixei, contudo de continuar «seareiro» dos quatro costados.

A seguir, a Vida levou-me para longe, tendo perdido o contacto com quase todos. Mas a milhares de quilómetros da Pátria, a solicitação de outras preocupações e empreendimentos, sem falar da luta pelas subsistências que assumia por vezes proporções dramáticas, conduziram-nos a um como que alheamento das actividades da *Seara*, que, todavia, permanecia presente na nossa memória, como saudade e como símbolo.

Por tudo isto, quando há anos recebi a visita de Francisco Mendes, espontânea, amiga, carinhosa, esse regresso inesperado do ambiente da *Seara*, por ele «ressuscitado», foi-me profundamente grato, avivando perfis, contornos, atitudes. Pena tive que não tivesse passado de um bruxolear esporádico sem seguimento. Desapareceu pouco tempo depois Manuel Mendes, outro espírito que figurara na paisagem da minha passagem pela *Seara*, Manuel Mendes, irmão de Francisco Mendes, que me viera trazer um pouco do antigo ambiente «seareiro». Desapareceu depois Jaime Cortezão, com quem eu mantivera alguns contactos em Madrid e no Rio de Janeiro. Desapareceu depois António Sérgio, aquele António Sérgio que eu encontrara, por acaso, na Rua do Ouro, de uma das últimas vezes que fui a Lisboa, nesse encontro que constituiu para mim a hora suprema da verdadeira Amizade «seareira».

Hoje, ao escrever sem preocupações de estilo, estas palavras todas emoção, sinto sobre mim, a projecção dessa luz que me iluminou o caminho, o exemplo de quantos, sem quebra, souberam manter a linha recta de uma conduta inatacável, e é como se no silêncio, se escutassem vozes amigas a insistir em certezas, a afirmar a permanência da evolução, a ruína fatal dos negativismos, a gratuidade de determinadas acusações e críticas, o absurdo e aleivoso generalizar das depreciações injustas, a força da Lógica, o Poder da Verdade, o sentido da Justiça, o inevitável desmoronar de anacronismos e conceitos que são a negação da realidade.

Já lá vão cinquenta anos... Parece que foi ontem. A evocação cinquentenária, paradoxalmente, como que nos rejuvenesce. Porque, passando em revista os pontos de vista fundamentais do nosso grupo de então, e não obstante as modificações do condicionalismo económico e social do mundo, se verifica que o nosso idealismo se não situa no campo das utopias. O que pensávamos, aquilo a que aspirávamos, continua legítimo, acessível, e de possibilidade claramente demonstrada, na vigência de regimes que se mantêm fiéis aos mesmos pontos de vista, sem enfermarem de defeitos que os tornem inviáveis ou inevitavelmente destinados a fracassar.

Tudo o que das minhas palavras se evola —, recordação, saudade, fé, confiança no Futuro, certeza de vitória da Pátria, espírito de justiça e tolerância —, poderá traduzir o que para mim significa ainda a *Seara Nova*.

Se é verdade que não é possível viver sob a ameaça da traição praticada à sombra de uma liberdade utilizada para o crime, não é menos verdade que continua a manter a mesma beleza e a mesma elevação aquele aforismo de Voltaire: «Eu posso não pensar como tu pensas, mas defenderei até à morte o teu direito de pensar como pensas.»

E à margem de conceitos e opiniões de outra ordem, que seria deslocado mencionar neste momento, este aforismo parece-me reflectir um dos aspectos mais característicos da maneira de reagir da *Seara Nova*, em todas as circunstâncias.